

PESSOA, LEITURA E SOCIEDADE

Luz María Chapela



FNLIJ
Notícias

Presenças Reais

O que falamos, fazemos, pensamos ou imaginamos vem do que aprendemos no bairro, na escola, na vida, nas relações. Também vem do que escutamos das pessoas mais velhas que nos contam de si e dos nossos antepassados. E também dos autores que nos disseram de forma íntima e pessoal.

Quando eu falo, meus autores ganham voz através das minhas palavras, que contam através dos meus relatos, que perguntam e interpelam através das minhas indagações. O que eu digo é dito por eles. Eu digo e, naturalmente, *nós* dizemos. Para que vocês, que nos escutam, agora, se apropriem, interpelem, ampliem, descartem e, uma vez recriado, o façam seu.

Gostaria de começar a falar algo óbvio: que, quando falo, eu falo de dentro de mim, que estou constituída por meu legado histórico e cultural, por meus tempos, por minhas necessidades e desejos, por amigos com quem converso e também por autores que li e que moram em mim, constituindo-me. Quando falo, eles falam em mim e através de mim e me acompanham. Estão aqui, presentes com todos nós.

Mais uma observação: sei que o que falo será escutado de cem modos diferentes e será recontado de mil maneiras também diferentes. Porque vocês que estão aqui fazendo parte deste grupo têm suas próprias identidades diversas, têm seus próprios legados e pontos de vista e estão habitados por seus próprios autores. Como na leitura, na comunicação oral, uns dizem o que é seu e os outros respondem. Desta maneira, ao sair daqui, cada um levará consigo uma recriação nova e diversa do que foi escutado. Esta é a maravilha da palavra: abre, alenta, suscita e propicia movimentos.

As Narrativas

Se nos voltarmos para o passado, podemos ver como, para o bem ou para o mal, a humanidade tem seguido os passos que marcam as grandes narrativas que ela mesma construiu. Estou falando de narrativas econômicas, culturais, ecológicas, políticas ou sociais. A experiência e a memória, quando se unem com a imaginação e o desejo, provocam relatos que *contam* como foi ou como pode ser o mundo. São narrativas que, em algumas situações dizem “era uma vez...” e que em outras vezes nos permitem dizer “será uma vez...”.

Por exemplo, um dos grandes relatos políticos que movimentou o mundo através dos séculos é o da colonização. Este relato, com mais ou menos palavras, apresenta, não somente como lícito como também como desejável, o fato de eliminar ou absorver os habitantes daqueles territórios que os poderosos desejam para si. Do ponto de vista do futuro, este relato diz: “Será uma vez uma geografia social imensa dominada por mim, por minha cultura, por meus princípios, por minhas normas e por meus projetos e nesta imensidão todos serão como eu quero que sejam e se dedicarão a fazer o que eu quero”. E basta ler qualquer manchete de qualquer jornal de um dia qualquer para entender os alcances que têm este antigo relato que ainda reina entre nós.

Também encontramos outra narrativa, neste caso cultural, que, no século XVI, Don Vasco de Quiroga imaginou e que, naqueles tempos, dizia: “Será uma vez uma aldeia indígena que, formada por comunidades diversas, fortalecerá seu tecido social ao especializar-se, para depois interagir: umas comunidades trabalharão o cobre, outras pescarão, outras cultivarão abelhas e outras mais tecerão *rattan* e bordarão. Logo, se reunirão em uma praça imensa, semana após semana, para trocar produtos sem trocar dinheiro e para contar suas coisas e celebrar suas festas”. E, em pleno século XXI, podemos ver os resultados daquele relato lendário ao contemplar os fortíssimos laços culturais que ainda unem as comunidades que vivem perto e ao redor do Lago de Pátzcuaro e que fazem parte da aldeia purépecha.

Temos outro relato muito famoso e nosso favorito que diz: “Chegará o dia em que o dinheiro, deixado ao ar, será dado a todos os que precisam e construirá melhores sociedades”. E aqui estamos dando seguimento ao relato, com imensos contingentes crescentes de pobres que ficaram com acesso a nada e com gerações futuras que nasceram endividadas.

As narrativas e os relatos são vitais e marcam não somente cursos, mas também são modos, destinos e ilusões. Estou falando de narrativas históricas, públicas, famosas, mas também de narrativas pessoais, intersubjetivas, grupais.

Suplemento
Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 37

Eric Fromm disse que o respeito não é mais que uma resposta horizontal e atenta que oferecemos àqueles que expressam seus pontos de vista diante de nós, suas ilusões, potenciais ou necessidades. Disse que por isso não podemos respeitar aqueles que não conhecemos, aqueles que não aparecem diante de nós. Propiciar a narrativa do próprio é propiciar o surgimento de sociedades respeitadas, atentas e acolhedoras nas quais cabem numerosos pontos de vista e horizontes de desejos que, sem ser idênticos e graças ao debate, ressoam, se complementam e se convertem em motores da vida de nossas sociedades.

São tão importantes as narrativas que nos contam como as que contamos porque detrás de cada narrativa há um paradigma, um sistema de conceitos e princípios, um horizonte de anseios, um conhecimento e uma experiência analisada. Do ponto de vista dos acervos: quais narrativas de outros moram nas nossas bibliotecas? Que porcentagem de narrativas de outros e que porcentagem de narrativas próprias moram nelas?

Uma das muitas maneiras que existem de entrar a uma biblioteca é entrar como uma pessoa, com os relatos próprios na mão, e em busca de narrativas de outros que ficam intensas, possivelmente antagônicas, distintas, estranhas, atrativas, ressonantes... para sustentar com elas nossos próprios debates. Quem entra assim à biblioteca, com muita probabilidade sairá enriquecido como pessoa e como membro ativo e questionador de uma sociedade plural contemporânea.

Será, pois, tarefa dos bibliotecários propiciarem aos leitores a possibilidade de identificarem e converterem em narrativas sua história própria, suas vivências, os paradigmas que os alentam e seus horizontes de anseios. E que convertam estes relatos em livros escritos por eles mesmos cuidadosamente ilustrados e encadernados, para que seus relatos formem parte do acervo. Para que eles mesmos, convertidos em autores, formem parte da oferta narrativa que a biblioteca põe diante dos corações e das mentes dos visitantes.

E será tarefa do bibliotecário identificar os relatos que moram no acervo para dar-lhes vida ao promovê-los entre os leitores, assim como para identificar ausências e sair em busca daquilo que, em sua opinião e porque conhece os usuários, está fazendo falta para a vida dinâmica e plural da biblioteca que coordena.

Talvez valha a pena deixar claro que falo de relatos históricos que trazem eventos do passado ao presente e também falo de narrativas prospectivas que desenham no horizonte outras e melhores possibilidades. Falo do reino da criatividade informada, do reino do possível, do reino da esperança que necessita contar com um espaço próprio nas nossas bibliotecas. Falo também de relatos que se constroem depois de visitar o passado, de modo paradoxal, em busca de novidades (projetos que nunca aconteceram, princípios esquecidos, outras maneiras de dar sentido à experiência, desejos originais...) como insumos significativos para novos relatos.

Para a vida da literatura, para a vida na e com as bibliotecas, necessitamos resgatar o sujeito histórico, o sujeito ativo que, com identidade própria, com conhecimento do passado, consciência do presente e anseio de futuro, sabe, deseja, imagina e mantém viva a esperança e, por tudo isso, produz novas narrativas que expressa diante dos outros, não para que prevaleçam, mas sim para que dêem lugar a debates.

Neste século XXI nos faz falta resgatar relatos já contados e, ao mesmo tempo, imaginar narrativas prospectivas que conjuguem a

biologia com a economia, a política com a cultura, a física com a semiologia ou a sociologia com a epistemologia e a literatura, na busca de uma sociedade acolhedora e para que prevaleça a vida no planeta.

Nossas Sociedades como Redes

Neste século XXI, a aventura humana tem uma característica que a singulariza: é uma aventura compartilhada. No nosso tempo, o que acontece com cada um afetará a todos: os vivos e os que ainda não nasceram. Porque são tempos de sistemas abertos, de relações, de vínculos, de redes presenciais e virtuais que acontecem entre nós e das quais fazemos parte.

Estas redes podem nos enriquecer como pessoas e como sociedades, mas também, se nos distrairmos, podem ficar não entre nós e conosco, mas, sim, por cima de nós para nos atrapalhar: como as redes de caça atrapalham às suas presas. Dependerá muito da nossa consciência.

Posso trazer aqui, como metáfora das nossas sociedades, a teia de aranha constituída pelo vazio, pelo ar e ausência e, ao mesmo tempo, por fios firmes que pulam e comunicam entre si os nós consistentes os quais a rede cobre corpo e densidade. Assim como é: flexível, quase transparente, quase nada, quase ar, a teia de aranha representa uma estrutura sólida com geometria precisa que se balança na brisa adornada pelo orvalho e que, ao mesmo tempo, é trincheira, refúgio, centro de trabalho e casa.

Imaginemos todo um desafio criativo e admirável contemplar, assim, a biblioteca, como um sistema aberto, como uma rede, como uma manifestação de nossas sociedades vivas. Imaginemos um desafio identificar na biblioteca eixos estruturais, nós consistentes, laços sutis, fluxos narrativos, diálogos, armadilhas importantes, vínculos paradigmáticos ou vicissitudes provisórias. E, no uso da liberdade, imaginemos um desafio fazer uma construção conceitual autônoma da rede que desejamos para nós: acervos como o da rede de redes em que inscrevemos as nossas bibliotecas.

Se pensarmos na rede, podemos pensar no espaço. A biblioteca como espaço. E, de maneira especial, como espaço público concebido tal qual explica o brasileiro Fernando Resende: uma construção com limites flexíveis que se constitui a partir de mensagens vivas (com significados e sentidos próprios) emitidos desde muitos e bem distintos lugares por muitos e bem distintos emissores e que se colocam em debate.

Quando digo mensagens, digo narrativas, emoções, lições aprendidas, projetos, ilusões, temores, presságios, princípios, teorias, prioridades, modelos, artes, dúvidas, conhecimentos, perguntas, hipóteses, estimativas, apostas, retrospectivas, argumentos, pontos de vista, suspeitas, debates, negociações, rastros, indícios, memórias, ilusões, ritos, festas, imagens ou eventos memoráveis.

Cada mensagem viva tem propósitos, significados e sentidos. Quando as próprias mensagens circulam pelo espaço público, entram em contato, entram em diálogo e dão lugar a grandes debates que negociam significados e sentidos, rumos, modos e intenções. Por isso, quanto mais agentes diversos emitem mais mensagens diversas, mais rico será o debate e mais rico e expansível será o espaço público, que é o espaço das sociedades.

Sem afã de construir receitas, poderíamos dizer que, se alguém quer se enriquecer e enriquecer a sua sociedade, que enriqueça e alargue o espaço público manifestando-se nele, colocando a circular as imagens do desejo que sua autonomia lhe permite desenhar,

fazendo públicas suas narrativas e expandindo-as ao debate, escutando com atenção os anseios futuros e as narrativas de outros e reagindo diante deles desde a própria identidade criativa. As narrativas abertas ao outro propiciam o surgimento de sociedades formadas por pessoas e grupos que se olham e reconhecem idênticos somente a eles mesmos e que, ao mesmo tempo, respeitam as identidades diversas dos outros e, ao fazê-lo, adquirem um potencial agregador.

Neste ponto, para construir uma metáfora do espaço público como lugar habitado por mensagens de muitos, lhes convindo a escutar novas recreações de pregões antigos. Habitemos o espaço com pregões.

Tô comprando tico-tico... / É roupa usada que vendo... / Trago erva santa pra garganta... / Conserto sapatos de todas as cores, sapato velhos, botas de verniz. / Churros quentes pros dentes, açúcar, cravo e canela pra moela. / Oh o desentupidor de canos de ferro e de aço! / É roupa usada que vendo... / Aoh carvão negro, carvão vegetal, compre seu carvão, um saco por um real. /

Chuchus verdes com espinhos, abrobrinha da roça e cabacinhas tenras... / Panela de barro fino, pro cozido e pro chocolate. / Laranjas redondas, tangerinas douradas, limões de casca fina e limas cortadas. / Oh amendoim tostadinho, oh milho verde cozido, oh grão-de-bico pra sopa, oh favas pra salada. /

Canários, bem-te-vis, periquitos, calhandras... / Sabão, perfume, talco em pó, talco suave, navalha pra barbear e creme pras mãos. / Batata-doce assada e quente, banana macho dourada com canela ou com geléia, envolvida em papel laminado. / Renda da Espanha, lenços de Paris, meus botões são do Porto, meus fios de Borceguí. / Pazinhas e sorvetes gelados, para os bem comportados. / Conserto colchões, dou um jeito se estão soltos, corto o tamanho. / Chegou o sapateiro, coloco tacos, costuro rasgados e reparo solas. / Fios, novelos, bobinas, carretilhas... / Vendo guarda-chuva si temos chuva, vendo sombrinhas se temos sol. / Tô comprando tico-tico...

A Biblioteca

A biblioteca, como rede, necessita oferecer tempos e espaços para a intimidade, a reflexão introspectiva, a memória, a reorganização do próprio e o diálogo íntimo com os autores. A narrativa, a expressão, o diálogo e o debate, assim como a formulação de explicações, perguntas e propostas originais que se apresentam diante dos outros, somente acontece ali onde aparecem pessoas com autonomia, com modo e rumo próprios, com paradigmas e memórias, com anseios e o contato íntimo com elas mesmas.

A biblioteca também é um lugar público. Podemos pensar na biblioteca (familiar, escolar, comunitária, universitária ou essa que é de todos e a conhecemos como *internet*) como em um grande congresso no qual aparecem, se recriam e se ligam presenças de muitos e diversos autores. E também como um congresso no qual aparecem e se ligam as recriações e novas significações que os leitores constroem a partir de suas leituras e do debate aberto que elas mesmas fazem.

Pela ação leitora, este congresso funciona como baú, laboratório, lar, barra, trincheira, catapulta, locutório, centro de meditação e de geração de idéias, argumentos, perguntas e projetos, praça pública, sala de concertos ou ágora. E, devido ao fato de ser um espaço em movimento, atrai com especial força àqueles que valorizam a novidade e o assombro. E a quem quer construir suas próprias narrativas.

A biblioteca pode ter uma grande e importante presença criativa nas nossas vidas como pessoas e como sociedades. Quando nos distanciamos dela, a biblioteca não somente permanece com seus prodígios em nossas mentes, como também nos transforma: muda nossas cidades interiores, aguça nossa imaginação, incide no que pensamos e lembramos e nos sugere novos horizontes de anseio ao por diante de nós o ainda não visto, mas já imaginável.

Por isso é importante tomar consciência da composição de nossas bibliotecas pessoais, familiares, escolares, comunitárias, planetárias... É importante identificar as presenças que moram nelas para lê-las e relacioná-las com outras e para ampliar e multiplicar estas presenças trazendo novos autores, novos relatos, novas paisagens, novos paradigmas, novos motivos de reflexão e diálogo.

Participar no desenho de uma biblioteca, acompanhar seu crescimento, colaborar na manutenção de sua vida e dar-lhe vigência é um grande privilégio, especialmente se tratar de uma biblioteca com vocação social, aberta a muitos, inclusiva, acolhedora.

Quando falo de biblioteca falo também da *mediateca* que, além de livros de papel, oferece outros materiais: livros eletrônicos, filmes, revistas, mapas, jogos, vídeos, fotos, instalações, conferências, salas de assessoria ou debate, anúncios comerciais, contos orais, dados e sistemas de dados, visitas guiadas a museus ou sítios, concertos, entrevistas ou enciclopédias abertas para que cada um de nós leia, debata, compartilhe e enriqueça os conteúdos com seus comentários. Agora, com os avanços da tecnologia, os conceitos de leitura, escrita e biblioteca têm se enriquecido e se ampliado, assim como as rotas que nos dão acesso a livros, escritores e acervos.

Entre o Concreto e o Abstrato

Quero terminar com uma reflexão especial. A vida neste nosso planeta globalizado nos pede o uso do pensamento complexo que desliga para analisar e que religa para fazer construtos novos. Também nos pede vincular o concreto com o abstrato.

A vida pede, aos habitantes deste século, levar em conta os menores detalhes, as marcas mais sutis, os rastros mais delicados que falam dos seres como únicos e diversos e nos explicam suas especificidades. Por outro lado, nos pede para construirmos grandes e maravilhosos universos compartilháveis (universos relacionados, por exemplo, com tempo, história, vida, energia, espaço, necessidade, organização, projeção, ritmo ou silêncio).

A literatura nos permite desligar as coisas e construir vínculos que as religuem de maneiras novas. Rainer Maria Rilke afirma que a função do poeta é conseguir que no mundo se unam coisas diversas que, se não fosse pelo trabalho do artista, jamais se uniriam. A poesia consegue vincular a brancura com a neve, a maternidade com o mar, a vida com o fogo ou o trabalho com a mão. O ensaio, ao ligar a realidade com a opinião pessoal, consegue relativizar o que de outra maneira poderia parecer absoluto. O correr do tempo coloca os dados concretos à consideração e, nesta relação, o tempo seleciona os eventos que darão corpo e sangue às histórias das comunidades. Algumas narrativas, para propor um ideal compartilhável, tomam um ideal abstrato, o fazem aparecer diante do leitor convertido em experiências concretas de personagens concretos e o levam passo a passo à superfície do solo, vivência após vivência. Até que, em um momento inesperado do relato, o ideal recupera sua condição abstrata e, sem perder o cheiro da terra, se eleva e volta. Assim é a vida da literatura.

Com a presença do pensamento complexo, com a diversidade

como valor heurístico e com o concreto e o abstrato se ligando e se desvinculando, a vida contemporânea nos convida a reconhecer na vida aberta das bibliotecas e nas redes de bibliotecas, um mundo nosso constelado, complexo e lúdico que nos define e no qual podemos incidir se incluirmos nas redes que formam o nosso: nossas histórias e propostas, nossos pontos de vista, nossas perguntas e vivências, nossas análises, anseios e esperanças.

Ao terminar e porque desde o primeiro momento ficou estabelecido que, aqui entre nós, moram os autores, vamos dar a palavra a sete deles para escutar seus comentários, sofismas, propostas e horizontes de anseio.

Goethe: *Há uma parte totalmente anônima que vaga entre os nomes.*

Orlando Esteva: *Nesta casa de todos, ninguém fala sozinho, nem mesmo o silêncio.*

Sóror Juana: *Este amoroso tormento / que no meu coração se vê, / sei que o sinto, e não sei / a causa porque sinto. / Sinto uma grave agonia por conseguir um devaneio, / que começa como desejo / e para na melancolia. / E quando com mais ternura / meu infeliz estado chora, / sei que estou triste e ignoro / a causa da minha tristeza.*

Cernuda: *Quando nela um momento se unificam, / como um som amante, amor e amado, / os três complementários / então e antes dispersos: / o desejo, a rosa e o olhar.*

Alfonso Reyes: *Ainda que seja a força de braços, necessitamos recuperar o respeito pelas asas.*

Antonio Machado: *A primavera veio. / Ninguém sabe como foi. / A primavera veio. / Aleluias brancas / dos sarçais floridos!*

Juan Luis Guerra: *Talvez chova café no campo / que caia um temporal de mandioca e de chá / do céu uma palmeira de queijo branco / e ao sul uma montanha de agrião e mel / oh, oh, oh-oh-oh, / talvez chova café.*

De diferentes maneiras e, entre outros, estiveram presentes:

- Ackoff. *Rediseñando el futuro*. México: Limusa, 1994.
Ainsa, Fernando. *La reconstrucción de la utopía*. México: Congreso de la UNESCO, 1997.
Bartolomé, Miguel Alberto y Barabas, Alicia Mabel. *La pluralidad en peligro*. Instituto Nacional de Antropología e Historia: México, 1999.
Bloch, Ernst. *The principle of hope*. MIT Press, 1986.
Borges, Jorge Luis. *Arte poética*. Barcelona: Crítica, 2001.
Brokman, John. *Los próximos cincuenta años*. Cairos: Barcelona, 2004.
Calvino, Ítalo. *Seis propuestas para el próximo milênio*. Madrid: Siruela, 1989.
Cebrián, Juan Luis. *La red*. Madrid: Taurus, 1998.
Davis, Mike. *Planet of slums*. London/New York: Verso, 2006.
Finkelkraut, Alain. *La ingratitud, conversaciones sobre nuestro tiempo*. Barcelona: Anagrama, 2001.
Gibbin, John. *Así de simple: el caos, la complejidad y la aparición de la vida*. Crítica: Barcelona, 2006.
González Pedrero Enrique. "Clio y la memoria", en *La Jornada*, 16 de marzo, 2003.
Huberman, Georges ALDI. *Imágenes pese a todo*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.
Huizinga, Johan. *Homo ludens*. Madrid: Emecé, 1984.
Kristeva, Julia. *El porvenir de la revuelta*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
Jabes, Edmond. *El Libro de las preguntas*. Madrid: Ediciones Siruela, 1991. (Colección Libros del Tiempo).
Levi, Primo. *Si esto es un hombre*. Barcelona: Muchnik Editores, 1998.
May, Rolo. *La necesidad del mito*. Barcelona: Paidós, 1991.
Morin, Edgar. *El paradigma perdido*. Barcelona: Kairos, 1992.
Paz, Octavio. *El mono gramático*. Valencia/Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1998.
Popper, Karl R. *Sociedad abierta, universo abierto*. Madrid: Tecnos, 2002.
Prigogine Ilya. *¿Tan sólo una ilusión?* Barcelona: Tusquets, 1983.
Resende Fernando. "Communication and public policies", Ponencia presentada en la III Conferencia de la Red Latinoamericana Childwatch Internacional". Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, julio 2006.
Rifkin, Jeremy. *La era del acceso*. Barcelona: Paidós, 2000.
Sánchez Ferlosio, Rafael. *El alma y la vergüenza*. Barcelona: Destino, 2000.
Sen, Amartya. *Desarrollo y libertad*. Planeta, 1999.
Steiner, George. *En el castillo de Barba Azul*. Barcelona: Gedisa, 2001.
Wagensberg, Jorge. *El gozo intelectual: teoría y práctica sobre la inteligibilidad y la belleza*. Barcelona: Tusquets, Metatemáticas, 2007.
Yates, Frances A. *El arte de la memoria*. Siruela, 2005.

Texto apresentado no Seminário Internacional Cultura Escrita e Atores Sociais, na 2ª FILEC - Feira Internacional da Leitura, Ciência e Literatura, realizada de 14 a 17 de fevereiro de 2008 – em Tonanzintla, Puebla, México. Organização: Conselho Puebla de Leitura/ Instituto Nacional de Astrofísica, Óptica e Eletrônica.



Luz María Chapela

tem participado com assessorias, projetos curriculares e produtos próprios no setor governamental ao longo de mais de 30 anos, com populações indígenas e migrantes. Utilizando como ferramentas o jogo e a literatura, tem realizado uma importante tarefa de recuperação de saberes e traços culturais dessas populações, que, postos em um espaço de diálogo intercultural, podem enriquecer a vida de nossas sociedades. Prestou assessoria ao Ministério da Educação de Cuba, à UNICEF e a diferentes organizações sociais. Possui uma obra, com mais de noventa títulos, publicada por distintas unidades governamentais (é autora dos dois *Libros Integrados* de Texto Nacional Gratuito para primeiro e segundo anos primários) e por diversas editoras privadas do México, Estados Unidos, Brasil e Bolívia.

Reflexões sobre leitura e LIJ –

Fascículo nº 37 • Parte integrante do *Notícias 9* – vol. nº 30/2008

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL - FNLIJ

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra
• Tradução: Ninfa Parreiras • Fotolitos
e impressão: PricewaterhouseCoopers